

EDUCAÇÃO

V.12 • N.1 • Publicação Contínua - 2023

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2023v12n1p53-68



O MEME COMO INVENTIVIDADE METODOLÓGICA NO ENSINO REMOTO PANDÊMICO: POR QUE NÃO?

THE MEME AS A METHODOLOGICAL INVENTION IN PANDEMIC REMOTE TEACHING: WHY NOT?

LOS MEMES COMO RECURSO METODOLÓGICO EN LA ENSEÑANZA REMOTA PANDÉMICA: ¿POR QUÉ NO?

Dilton Ribeiro Couto Junior¹

Marcelle Medeiros Teixeira²

Tania Lucía Maddalena³

RESUMO

Este relato de experiência discute uma possibilidade de inventividade didático-metodológica em turmas de graduação na disciplina eletiva universal Educação e Cibercultura, oferecida no primeiro semestre de 2021 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na modalidade ensino remoto emergencial. Como proposta avaliativa, foi solicitado às/aos estudantes que escolhessem um *meme* no Museu de Memes e realizassem uma análise articulada com um dos temas tratados na disciplina. Entendemos que os *memes* fornecem novas entradas de problematização sobre o tempo presente e que essas imagens-dizeres também podem ser objeto de muitas trocas em sala. Diante da proposta de visita ao Webmuseu e das discussões tecidas com a turma, percebemos a importância de inventarmos mais e melhores práticas pedagógicas – não simplesmente porque estivemos ensinando de nossas casas devido à pandemia da COVID-19, mas porque nosso tempo vem exigindo uma educação mais sintonizada com as dinâmicas interativas-colaborativas, próprias do digital em rede.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino Remoto. Meme. Pandemia. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This experience report discusses a didactic-methodological possibility-invention in undergraduate classes that are part of the universal elective course Education and Cyberculture, offered in the first semester of 2021 at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), during times of emergencial remote teaching. Students were challenged with an assessment: choosing a meme at the Museum of Memes and developing an analysis connected to one of the themes approached in the course. We understand that memes propose new layers of problematization about our present times and that they also catalyze many debates and exchanges in the classroom experience. Given the proposal to visit the Webmuseum and the discussions held with the class, we understand the importance of being more creative and of identifying better pedagogical practices not only because we have been teaching remotely from our homes since the outbreak of COVID-19, but also because the current landscape has been demanding an education system that synchronizes with the interactive-collaborative dynamics of digital networking.

KEYWORDS

Remote Teaching. Meme. Pandemic. Experience Report.

RESUMEN

El presente relato de experiencia aborda las posibilidades inventivas y didáctico-metodológicas realizadas con grupos de grado universitario en la asignatura “Educación y Cibercultura”, ofrecida en el primer semestre de 2021, en la Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bajo la modalidad de la Enseñanza Remota de Emergencia. Como propuesta de evaluación, fue solicitado a los estudiantes que elijan un meme del Museo del Meme y realicen un análisis articulando los temas tratados a lo largo del curso en la disciplina. Entendemos que los memes ofrecen nuevas formas de problematización sobre el tiempo presente y pensamos que estas imágenes/discursos también pueden ser objeto de varios intercambios en clase. Frente a la propuesta de visita al Webmuseum y las discusiones tejidas con el grupo, entendemos la importancia de inventar más y mejores prácticas pedagógicas, ya que nuestro tiempo exige una educación más sintonizada con las dinámicas interactivas, discursivas, colaborativas, propias de lo digital en red.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza remota. Meme. Pandemia. Relato de experiencia.

1 “PROFESSOR/A, CADÊ O LINK DA AULA?”: INICIANDO O DEBATE SOBRE A DOCÊNCIA REMOTA

Este texto é fruto de nossas experiências em sala de aula na graduação e na pós-graduação em tempos de pandemia. É um texto que relata alguns dos desafios enfrentados por nós no ensino remoto emergencial, ao mesmo tempo que também traz apontamentos que podem, talvez, traçar algumas pistas sobre a necessidade de planejarmos novas possibilidades-inventividades didático-metodológicas na era COVID-19. Essas pistas não operam como uma espécie de bússola que sabe e determina a direção; longe disso, operamos dentro de uma perspectiva epistemológica que questiona a verdade absoluta, as metanarrativas e a exatidão do ponto de chegada (MEYER, 2014).

Escrevemos com a intenção de narrar algumas de nossas práticas, buscando compartilhar ensinamentos adquiridos durante a pandemia e que podem servir para uma reflexão acerca da necessidade de maiores inventividades em uma época na qual estudantes e professoras/es vêm estudando/trabalhando em suas residências e experienciando o caos social agravado pela pandemia.

Conforme apontam Maddalena, Couto Junior e Teixeira (2020, p. 1.522, grifo dos autores), “o excesso de aulas *online* tem gerado desgastes e exaustão mental por parte das(os) estudantes e professoras(es). [...] Em muitos casos, não há tempo de planejamento dos cursos [...] e sim uma adaptação aligeirada frente à situação da pandemia”.

Ademais, não poderíamos deixar de mencionar que esse cansaço relatado por muitas/os durante o trabalho remoto na pandemia pode ser atribuído a alguns fatores, conforme argumenta Lemos (2021, p. 118-120): 1) o espaço homogêneo - permanecemos no mesmo espaço físico enquanto descansamos e trabalhamos; isso deixa a vida monótona e, conseqüentemente, esse aspecto diminui nossa criatividade; 2) o tempo passa muito rápido ou o contrário também ocorre quando há pouco estímulo dentro de casa, somado ao fato de que estamos ansiosas/os e apreensivas/os vivendo hoje em um “país sem governo” (LEMOS, 2021, p. 119); 3) nossa vida se reduziu ao espaço da tela, o que gera maior preocupação em como nos apresentamos e como nosso espaço está organizado para aparecer na tela; 4) a falta de contato com o outro e a ausência de conversas paralelas traz, no final das contas, o desafio de perceber “quem de fato nos ouve” (LEMOS, 2021, p. 120), sem falar nos problemas de conexão e a lentidão da internet.

Como profissionais do campo educacional interessadas/os na relação dos sujeitos com as tecnologias digitais em conexão com a internet, questionamo-nos: quais os efeitos da experiência da quarentena para estudantes e professoras/es? Quais estratégias educacionais mediadas pela internet professoras/es e estudantes vêm adotando para continuar aprendendo-ensinando enquanto se encontram geograficamente dispersas/os? Como as interfaces digitais vêm assegurando a manutenção dos vínculos sociais e afetivos de crianças, jovens e suas famílias em tempos de pandemia? Quais desafios os cursos de formação de professoras/es enfrentarão, daqui em diante, para contribuir para uma formação preocupada em repensar as instituições educacionais no período pós-pandemia? Quais políticas de inclusão digital ainda precisam ser colocadas em prática para ampliar o acesso da população brasileira à internet?

Essas são apenas algumas das questões que nos inquietam no campo científico nestes tempos; são questões que revelam nosso compromisso ético-político de continuar pesquisando em diálogo

com as experiências cotidianas que nos tocam/afetam (FERRAÇO; ALVES, 2018). Acreditamos na importância dos estudos que, daqui para a frente, focalizem análises sobre as experiências sociais em tempos de pandemia, buscando contribuir para a reflexão em um cenário cotidiano que vem se (re) configurando na medida em que o novo coronavírus se propaga.

Em tempos de cibercultura atravessados pelo novo coronavírus, os encontros síncronos vêm ganhando destaque nas disciplinas on-line. “*Professor/a, cadê o link da aula [síncrona]?*” é a pergunta comumente feita por discentes na graduação e pós-graduação, que têm em seus imaginários a ideia de que, mesmo no ensino remoto emergencial, aula é aquilo que é “televisonado” e o/a professor/a é aquele/a que semanalmente encontra-se do outro lado da tela ministrando aulas ao vivo e a cores e (nem sempre) interagindo com as/os estudantes. Vimos percebendo que somente o encontro síncrono e semanal vem sendo interpretado pelas/os estudantes como aula, principalmente com base nas experiências que esses sujeitos possuem desde a época da escola, caracterizada por uma rotina não raramente bombardeada por conteúdos que devem ser memorizados para o êxito da/o estudante na disciplina.

Diante de todos os desafios sociais desencadeados pela pandemia, entendemos que é preciso haver uma mudança na forma como trabalhamos com as/os estudantes da graduação e na pós-graduação. Primeiramente, apostamos na necessidade de ressignificar o próprio termo “aula” durante a pandemia; nós nos aproximamos mais da ideia do *encontro com* o outro. Nessa linha de pensamento, vimos nos encontrando com as/os estudantes e conversando, porque entendemos que é “uma forma especial de prestar atenção, de inquietar(se) e indagar(se) a partir da experiência, da vivência, das falas do outro. Conversar como gesto de escuta” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 18). Conversamos e nos encontramos com o outro na internet para intercambiar diferentes experiências, buscando também pensar coletivamente sobre os desafios do novo coronavírus para a educação.

Na próxima seção apresentamos e discutimos uma experiência didática *online* no ensino superior em tempos de pandemia. Apostamos nos *memes* como uma inventividade metodológica capaz de fomentar novas entradas de problematização acerca dos desafios educacionais na era COVID-19, como a inclusão digital e os métodos e recursos tecnológicos utilizados pelas/os professoras/es no ensino remoto emergencial. Posteriormente, tecemos algumas breves considerações finais, apontando que os *memes* podem abrir alguns caminhos para novos aprendizados na rede.

2 VISITANDO O MUSEU DOS MEMES E APRENDENDO SOBRE OS *MEMES* DO ENSINO REMOTO NA PANDEMIA

Na docência remota, temos tido a oportunidade de conversar com as turmas nos encontros on-line a partir do uso de *memes*, imagens que são muitas vezes reconhecidas “como banalidades do dia a dia, trivialidades sem importância a compor uma gigantesca lixeira virtual” (NOLASCO-SILVA; SOARES; BIANCO, 2019, p. 116). Indo de encontro a esse pensamento, apostamos nas possibilidades-inventividades didático-metodológicas dos *memes* no ensino remoto porque acreditamos no potencial subversivo de seu humor na constituição de novas entradas de problematização; afinal, são imagens

que “indicam compreensão e visões de mundo, registram momentos que ficam na memória como os antigos álbuns de família.

Elas circulam contando e recontando histórias” (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016, p. 136). Com isso, acompanhar a produção e o compartilhamento dos *memes* na rede significa também conhecer alguns fluxos das dinâmicas mediadas pelo digital em rede que envolvem a discussão sobre diferentes assuntos contemporâneos (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019).

Afirmações como “*eu não sabia de todo este potencial dos memes*” e “*que interessante conhecer artigos que pesquisam com e sobre os memes*” foram ditas por estudantes da graduação tanto durante os encontros síncronos quanto nas atividades assíncronas. Essas afirmações carregam novas experiências de contato das/os estudantes com o universo *memético*, que apresenta “alto potencial de remixagem, de transmissão, de personalização. Trata-se de unidades comunicativas que nascem e morrem de repente, mas que também ressuscitam quando já eram esquecimento” (NOLASCO-SILVA; SOARES; BIANCO, 2019, p. 124).

O potencial comunicacional dos *memes* é parte do cenário sociotécnico contemporâneo denominado cibercultura, que vem reconfigurando a forma como produzimos e compartilhamos informação com o outro e alterando significativamente os modos de ensinar-aprender (SILVA; ALVES, 2018). A cibercultura pode inspirar professoras/es a construir estratégias metodológicas nas quais a interatividade seja aspecto central nas dinâmicas de ensinar-aprender (SILVA, 2008). Em tempos de cibercultura, a criatividade das/os internautas na confecção dos *memes* é um convite que nos inspira a (re) inventar nossas próprias formas de interagir com as/os estudantes.

No ensaio “Lo viral”, Carrión (2020) descreve o *meme* contemporâneo como aquele que não lembra do passado nem sonha com futuros. Segundo o autor, o *meme* é “uma arqueologia do presente”, pois somam vários elementos dos últimos dias, meses ou poucos anos em um único objeto cultural, vagamente identificado (CARRIÓN, 2020, p. 131). Se o *meme* pode fomentar importantes críticas no presente e gerar novas entradas de problematização acerca de nosso contexto contemporâneo, por que não fazer do *meme* uma inventividade didático-metodológica no ensino remoto?

Como apontam Silva e Cilento (2014, p. 207), faz-se necessário reconhecer as singularidades do on-line para contemplar os saberes docentes, em prol de uma educação que venha a privilegiar a interatividade e a colaboração. É sob essa perspectiva que privilegiamos o uso dos *memes*, compreendendo-os como parte constituinte das relações mediadas pelo digital em rede e também como uma potência comunicacional para suscitar debates.

Percebemos as imagens-dizeres como importantes disparadores de reflexão, principalmente porque estão sempre engajadas com algum acontecimento social, político ou cultural. Com isso, buscamos sair da lógica de uma aula que só se faz aula quando tem *link* (“*Professor/a, cadê o link da aula?*”) para uma dinâmica educacional mais viva e orgânica que faz do encontro com o outro um verdadeiro convite para a conversa; uma conversa criativa-inventiva que envolve autoria compartilhada e desejo pelo intercâmbio de experiências.

A experiência didática e formativa com *memes* no ensino remoto foi realizada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na disciplina eletiva universal Educação e Cibercultura, que foi

oferecida para estudantes da graduação no primeiro semestre de 2021. Ao longo do curso, foram abordados diversos conceitos e reflexões envolvendo educação e cibercultura, processos educacionais móveis e ubíquos e formação docente em tempos de pandemia.

Além das atividades assíncronas realizadas no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), também foram realizadas conversas on-line síncronas disparadas pela leitura de textos e assistência de vídeos sugeridos para discussão. Como parte da avaliação da disciplina, foi proposto que as/os estudantes escolhessem um *meme* no Museu de Memes⁴ e realizassem uma análise articulada com um dos temas discutidos na disciplina⁵. Embora as/os estudantes tivessem tido a experiência de visitar o Web-museu, também tiveram a liberdade de escolher outros *memes* com base em suas próprias andanças pelas diferentes redes sociais da internet.

O Museu de Memes, criado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), foi lançado publicamente na rede em 2015. O museu apresenta indicadores que evidenciam a relevância dos *memes* como artefato cultural importante e como objeto de estudo que vem ganhando destaque no meio acadêmico. Conforme apontam Chagas e Silva (2021), o *site* já recebeu mais de 2 milhões de visitas, sendo acessado por internautas de mais de 90 países. Além disso, o museu disponibiliza ao público uma vasta “base bibliográfica de referências científicas como livros, artigos publicados em periódicos ou apresentados em anais de congressos, teses e dissertações, [...] que já soma mais de 1,3 mil trabalhos publicados em diferentes idiomas” (CHAGAS; SILVA, 2021, p. 52).

Figura 1 – Um museu... de memes



Fonte: <https://is.gd/sv4S33>

Nos 55 trabalhos produzidos pelas/os estudantes, as temáticas escolhidas foram variadas, incluindo *memes* que narram cenas cotidianas enfrentadas no contexto pandêmico brasileiro envolvendo *fake news*, os movimentos antivacina, os dilemas da Educação a Distância (EaD) e o ensino remoto emergencial. Diante dos variados temas explorados pelas/os estudantes em seus trabalhos, optamos

⁴ Museu de Memes. Disponível em: <https://is.gd/sv4S33>. Acesso em: 12 set. 2021.

⁵ O primeiro autor do texto ministrou a eletiva e a segunda autora atuou na disciplina como professora-estagiária, participando das atividades síncronas que foram propostas e combinadas com a turma. Além disso, a terceira autora contribuiu com importantes reflexões teóricas, realizando, em parceria com os demais autores, a sistematização e análise das narrativas produzidas pelas/os estudantes no trabalho avaliativo.

por apresentar e refletir sobre aqueles que se voltaram para a análise das práticas educacionais em tempos de pandemia. A seguir apresentamos alguns excertos de trabalhos produzidos pelas/os estudantes da eletiva, que concederam autorização para que parte de suas reflexões pudessem ser discutidas. Conforme acordado com Ana, Eduardo e Patrícia, optamos pelo uso de seus nomes verdadeiros com o objetivo de dar autoria e visibilidade às suas reflexões.

No começo da pandemia, as/os professoras/es e estudantes acreditavam que o ensino remoto seria uma modalidade temporária, mas, conforme mencionado, já se passou mais de um ano e meio que os encontros presenciais estão suspensos na maioria das universidades públicas brasileiras. Dessa forma, os *memes* escolhidos pelas/os estudantes apresentam um aspecto que merece atenção: o excesso de conexão. A presença (SKLIAR, 2020) vai além da modalidade de ensino, já que muitas vezes um encontro presencial pode não ter presença e podemos nos sentir presentes (no sentido de presença) em um encontro *online*. Não obstante, a conexão tampouco garante a presença. Qual/is o/s motivo/s que faz/em com que sintamos tanta falta dos encontros presenciais?

Figura 2 – Nunca quis tanto aula presencial



Toda essa transição no início era recebida com grande entusiasmo, pois acreditavam que seria passageiro. A extensão desse período de quarentena e os afastamentos das salas de aula começaram a sobrecarregar o aluno, o que resultou em uma “chuva” de memes, que implora a volta das aulas presenciais (Patrícia).

Fonte da imagem: Internet.

“A ‘chuva’ de *memes* que implora pela volta das aulas presenciais” caminha junto com o pensamento de Skliar (2020, p. 19) o qual ressalta que a ideia da virtualidade carrega uma preocupação excepcional para escolas e universidades:

O que fica dos espaços físicos – de fricção, de gestualidade, de corporeidade – nos quais o ensinar e o aprender sustentam-se em vínculos de cheiro e sabor? O que fica do educador que toma a palavra e a democratiza através dos sinuosos caminhos dos olhares e as palavras dos estudantes?⁶

⁶ Tradução de: “¿Qué queda de los espacios físicos – de roce, de fricción, de gestualidad, de corporalidad – en donde el enseñar y el aprender se sostenían en vínculos de olor y sabor? ¿Qué queda del educador que toma la palabra y la democratiza a

Concordamos com o autor que os encontros presenciais carregam cheiros, sabores, olhares e formas outras de tecer encontros que não são possíveis nos encontros mediados pelas tecnologias digitais em rede. No entanto, com a necessidade do isolamento físico vivenciado na pandemia, foram as conexões digitais que permitiram novas formas de estarmos presentes e termos a oportunidade de conversar com o outro, participando de experiências formativas utilizando as diferentes interfaces digitais.

Em tempos de pandemia, percebemos que a quarentena hoje é um convite para olharmos o mundo por outras janelas e tecermos novas redes de aprendizagem com pessoas geograficamente dispersas (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). A nosso ver, o que fica dos espaços físicos, conforme provocação de Skliar (2020), é o desejo por ocupá-lo, muito embora nem sempre seja possível; também fica a vontade de buscar nas redes outras formas de estar junto com o outro.

As questões relativas à presença e como ela pode ser “mascarada” nos ambientes digitais é tema recorrente em vários *memes* selecionados e analisados pelas/os estudantes; essas questões só evidenciam a complexidade de nosso cenário educacional em tempos de docência *online* atravessada pela pandemia. Alguns desses *memes* expõem imagens de câmera e som desligados, *memes* de estudantes dormindo no encontro síncrono ou realizando outras atividades enquanto a aula acontece ou até a adoção da estratégia de burlar a ausência ligando a câmera e utilizando uma foto fixa simulando estar na sala *online*. Na próxima análise (Figura 3) discutimos a questão da “falsa presença” relacionando essa prática a uma reflexão sobre a inclusão digital e os privilégios sociais de determinados grupos de estudantes.

Figura 3 – A ex-debutante no encontro síncrono



Pelo que o meme nos revela, é possível crer que a jovem da foto, felizmente, não integra essa maioria [excluída digitalmente]. Ela faz uso de um notebook (computador portátil), não se veem cabos ali, o que nos leva crer que a conexão é sem fio (wi-fi), ou seja, a estudante, considerando a realidade brasileira, é uma privilegiada. E isso nos leva à seguinte questão: por que a jovem privilegiada não participa da aula? (Eduardo).

Fonte da imagem: Internet.

O *meme* acima escolhido por Eduardo é uma imagem que demonstra a utilização de um quadro comumente exposto nas festas de 15 anos para que as/os convidadas/os façam uma homenagem à

través de los sinuosos caminos de las miradas y las palabras de los estudiantes?” (SKLIAR, 2020, p. 19).

debutante. Com esse *meme*, a estudante almeja burlar sua ausência mesmo mantendo a câmera do seu *notebook* ligada. A imagem-*meme* também nos provoca a pensar que, ao usar o quadro da festa de 15 anos, as/os participantes do encontro síncrono talvez só consigam detectar a falsa presença da jovem no vídeo caso haja a oportunidade de interagir com ela.

Cabe lembrar que, quando não tem conversa e a interação é baixa, dificilmente conseguiremos fazer com que os encontros síncronos sejam povoados pelos rostos de nossas/os estudantes no vídeo; pelo contrário, continuaremos fazendo de nossas aulas meras exposições de conteúdos direcionados às dezenas de quadradinhos sem rostos que, mesmo quando a internet funciona bem, acabam optando pelo desligamento de suas câmeras. Frente a isso, não há como negar que “há demanda por novas estratégias educacionais envolvendo sujeitos geograficamente dispersos, e por isso precisamos (re) pensar os rumos da educação frente às reconfigurações sociais engendradas pela pandemia” (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020, p. 1.521).

Sobre o *meme*, Eduardo também questiona um ponto importante que é o marcador de classe social: “*por que a nossa jovem privilegiada não participa da aula?*”. Os aspectos técnicos mencionados sugerem que a estudante seja privilegiada, considerando o contexto sociocultural brasileiro. A exclusão digital é acompanhada das desigualdades sociais, o que reflete o fato de que quase metade das/os brasileiras/os possui acesso limitado e instável à internet ou simplesmente não possui qualquer tipo de acesso à rede (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020).

Embora a baixa participação e interação nas atividades síncronas gerem o desinteresse das/os estudantes para participar com suas câmeras ligadas, não podemos ignorar os problemas de conexão e da internet lenta no Brasil. Em alguns encontros, percebemos a perda de conexão das/os estudantes, impedidas/os de ligar suas câmeras e microfones porque podem “congelar” devido ao alto consumo de dados, outras/os solicitando que repitamos o que foi falado porque o som saiu sem qualidade. Em tempos de pandemia, esses são apenas alguns dos desafios das dinâmicas educacionais do “novo normal”. Há ainda a ausência de parte da turma pela falta de dados móveis disponíveis, porque teve problema com celular ou furto de cabos da rede na região.

A pandemia mostrou as dívidas que os sistemas educativos possuem no que refere à inclusão digital. Em 2020, uma quantidade significativa de estudantes foi excluída de propostas educativas por não ter conexão e equipamentos necessários para acompanhar e participar ativamente das aulas. Na plataforma desenvolvida pela Unesco com a pesquisa “Panorama atual dos efeitos da COVID-19 nos sistemas educativos da América Latina e no Caribe”⁷, podemos acompanhar o drástico cenário social de países que, em setembro de 2021, vêm deixando à deriva mais de 64 milhões de crianças que permanecem sem aulas pelo fechamento de escolas na pandemia. Muitas dessas crianças e estudantes não tiveram aulas na modalidade de ensino remoto nem qualquer apoio escolar desde que a pandemia foi decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020.

O privilégio social mencionado pelo autor do trabalho ao discutir o *meme* nos remete à perspectiva de que “falta maior democratização de acesso à rede, principalmente em países como o Brasil, que antes mesmo da pandemia já apresentava distribuição de renda bastante desigual e, consequen-

7 Disponível em: <https://is.gd/RzAS4B>. Acesso em: 24 set. 2021.

temente, altos índices de exclusão digital” (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020, p. 1.531). Concordamos com Maggio (2021, p. 25) quando afirma que “Teve que vir uma pandemia para reconhecer o óbvio: não há uma educação justa numa sociedade digital se docentes e estudantes não estão incluídos tecnologicamente”⁸.

A inclusão digital não somente afeta o ensino fundamental e médio como também as/os estudantes e docentes do ensino superior. Cabe lembrar que as/os professoras/es não estão isentas/os dessa problemática, inclusive sendo atribuída a elas/es a responsabilidade de assumir os altos custos da infraestrutura física e tecnológica para a realização de inúmeras atividades síncronas e assíncronas em diferentes turmas. Nesse sentido, passam a ser exigidas das/dos professoras/es algumas condições adequadas de trabalho, embora nem sempre sejam possíveis: “espaço isolado, mobiliário ergonomicamente desenhado e equipamentos para que seja possível realizar, com comodidade e tranquilidade, as atividades a distância” (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020, p. 10).

Os *memes* mencionados e discutidos neste trabalho tratam de temas como a presença, a inclusão digital, os métodos e recursos tecnológicos utilizados pelas/os professoras/es no ensino remoto emergencial. Os *memes* não vão resolver os inúmeros problemas educacionais-sociais do tempo presente, mas certamente podem se tornar importantes disparadores de reflexões na docência remota (e para além dela) ao dar maior visibilidade para questões tão importantes e necessárias em tempos de pandemia.

Figura 4 – EaD deixou de ser aula?



“Estão entendendo?”, “Alguém pode responder?”, “Tudo certo até aqui?” são algumas das frases que os professores precisam repetir ao longo dos tempos de aula; há uma maior omissão por parte dos alunos e esforço dobrado por parte do professor para se fazer entender e para despertar o interesse dos alunos ao mesmo tempo. Sem dúvida alguma, o acúmulo de responsabilidades [...] desencadeia um certo desgaste tanto de professores como de alunos (Ana).

Fonte da imagem: Internet.

⁸ Tradução de: “Tuvo que haber una pandemia para que advertiéramos lo obvio: no hay educación justa en una sociedad digital si docentes y estudiantes no están incluidos tecnológicamente” (MAGGIO, 2021, p. 25).

O trabalho de Ana aponta para alguns desafios em tempos de pandemia. As três primeiras perguntas trazem pistas sobre como tem sido a experiência dela como discente na universidade. Câmeras/microfones desligados têm sido comuns também em nossas experiências nos encontros síncronos, e em muitas ocasiões as/os estudantes relatam que “*a internet hoje está lenta*”. Quando isso acontece, perguntamos se todas/os estão acompanhando/escutando as questões levantadas, com suas respostas, sendo dadas por meio do *chat*, que, em tempos de internet lenta, vem ganhando destaque durante a realização dos encontros síncronos.

Sem o contato físico e o “olho no olho”, o ensino remoto emergencial pode tornar-se uma prática solitária. Concordamos com Lemos (2021, p. 137) em que “o vírus, mais do que apontar para a separação e o isolamento, ressalta a nossa necessidade de conexão às coisas e aos outros; precisamos dos objetos, precisamos de produtos, precisamos de contato social”. É nessa necessidade que surgem as perguntas, os encorajamentos para que as câmeras sejam ligadas, para que o *chat* seja utilizado pelas/os estudantes de forma ativa e para que todas/os interajam mais, deixando o encontro síncrono mais dinâmico e menos expositivo (professor/a fala x estudante ouve). Antes de iniciarmos nossas conversas com as turmas nos encontros síncronos, temos comumente projetado uma imagem que apresenta em letras grandes e coloridas a *hashtag* #ligueacâmera, muito significativa para as dinâmicas educacionais em tempos de pandemia, porque é um primeiro convite para que possamos ver e ser vistos pelo outro. Mesmo com muitas câmeras desligadas, reconhecemos a docência remota como oportunidade para exercitarmos a perspectiva do encontro, da conversa, porque conversar é “um convite à reflexão coletiva” (RUANI; COUTO JUNIOR; AMARO, 2020, p. 212).

Diante desse panorama, a estudante Ana (Figura 4) acredita que “*há uma maior omissão por parte dos alunos e esforço dobrado por parte do professor para se fazer entender e despertar o interesse*”. Embora ainda estejamos na busca por novas respostas e pistas sobre essa (suposta?) falta de interesse das/os estudantes pelas atividades *online*, uma coisa é certa: a pandemia vem exigindo de nós um esforço tremendo para enfrentar o inesperado. Conforme a pergunta de Harari (2020, p. 30), “O que acontece quando escolas e universidades inteiras passam a operar *online*? Em tempos normais, governos, empresas e autoridades educacionais jamais concordariam em conduzir tais experimentos. Mas estes não são tempos normais”. Afinal, estamos todas/os vivenciando um momento único de nossa história do qual não fomos avisadas/os, quiçá preparadas/os. Em março de 2020, alguns estados brasileiros decretaram a suspensão das aulas presenciais como medida preventiva à disseminação da COVID-19 pelo período de quinze dias. No entanto, um ano e meio depois, grande parte das/os estudantes e das/os professoras/es seguem geograficamente dispersas/os, em suas casas, aprendendo a lidar com o vírus e com os desafios de uma educação mediada pelo digital em rede.

Ainda sobre o trabalho de Ana, cabem também os seguintes questionamentos: a que tipo de aula a estudante e o *meme* do personagem Bob Esponja estão se referindo? Qual é o entendimento de mediação nessa aula na modalidade EaD? Os *memes* sobre as práticas de EaD na pandemia revelam questões referentes às metodologias utilizadas pelas/os docentes, como é o caso do ensino remoto emergencial, que, em muitas experiências educacionais, adotam metodologias transmissivas, priorizando os encontros síncronos e a mera exposição unidirecional de informação. Ademais, é comum

observarmos o AVA sendo adotado pelas/os docentes como mero repositório do material didático, não como um espaço de encontro e conversa.

A Educação *Online* (SANTOS, 2005) não deve ser entendida como uma modalidade de ensino, mas como uma abordagem didático-pedagógica que pode ser incorporada na modalidade EaD e/ou no ensino remoto emergencial. No texto “Os princípios da Educação *Online*”, Pimentel e Carvalho (2020) ressaltam a importância de introduzir essa abordagem nas aulas e encontros formativos em tempos de pandemia. Insistimos e apostamos na importância da abordagem da Educação *Online*, que reconhece que a/o estudante não é um mero “consumidor” de aula, mas um sujeito que tem um rol ativo ao navegar por diversas ambiências digitais, (co)criando reflexões e compartilhando diferentes autorias com toda a turma.

No *meme* que Ana apresenta, Bob Esponja prefere usar o tempo para “fazer qualquer outra coisa” no lugar de “deixar o EaD em dia pra não perde[r] o ritmo e não se ferrar quando as aulas voltarem”. Essa crítica exposta pelo *meme* retrata o descontentamento quanto à forma como as atividades *online* têm sido desenvolvidas pelas/os docentes em tempos de pandemia. Buscando mudar essa postura, nossa aposta tem sido na abordagem da Educação *Online*, que valoriza a circulação dos sujeitos pelas diversas interfaces computacionais digitais, inspirando-nos a construir novas inventividades didático-metodológicas de ensinar-aprender.

Introduzir as reflexões sobre os fenômenos da cibercultura, encorajando a participação de docentes e discentes em processos colaborativos *online*, é um dos desafios da Educação do século XXI; uma educação que precisa fazer mais sentido na vida das/os estudantes, saindo da perspectiva de uma educação da mera transmissão para uma educação da escuta. Colocar em prática uma postura dialógica e de alteridade em sala de aula significa escutar o que o outro tem a dizer: “escuta como tentativa de enxergar o outro e sua voz, sempre grávida de histórias e de sabedoria, de sair um pouco de si para receber e deixar-se banhar pela palavra alheia, as ressonâncias de sua experiência e vivências” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 18). Apostamos também no potencial dos *memes* na promoção dessa educação da escuta, porque os *memes* narram histórias e neles ecoam múltiplas vozes que oportunizam novos olhares e aprendizados sobre o mundo.

3 AULA VAI ALÉM DE *LINK* *MEME* TAMBÉM PODE SER OBJETO DE MUITAS TROCAS EM SALA: PARA NÃO CONCLUIR

Este relato de experiência trouxe uma possibilidade-inventividade didático-metodológica em turmas de graduação na disciplina eletiva universal Educação e Cibercultura, oferecida no primeiro semestre de 2021. Em tempos pandêmicos, temos tido a oportunidade de experienciar novas trocas com estudantes na universidade, mesmo com todos os desafios que vimos enfrentando no país.

Trabalhar com *memes* é um verdadeiro convite para que professoras/es e estudantes participem das dinâmicas ciberculturais, conhecendo as diferentes narrativas cotidianas de internautas que têm muito a contar sobre si, sobre o mundo. Afinal, os *memes* são imagens-dizeres que “refletem

a dinamicidade de um fluxo comunicacional envolvendo pessoas de todos os cantos do mundo dispostas/os a produzir e a compartilhar informações em parceria com outras pessoas” (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR; BRITO, 2021, p. 86).

Que possamos, cada vez mais, investir em novas experiências didático-metodológicas para transformar nossas formas de ver-sentir-fazer-pensar o mundo. Diante de nosso complexo cenário sociopolítico brasileiro, mais uma vez reiteramos o importante papel da educação na construção de novos projetos de vida e de sociedade. Para isso, cabe rompermos com posturas didático-metodológicas que insistem na mera formulação de perguntas para as quais já sabemos as respostas. Caminhando em uma direção oposta a essa, apostamos em uma prática pedagógica que convide estudantes e professoras/es a refletir colaborativamente, colocando em prática uma perspectiva dialógica que invista na possibilidade de conversar, estranhar e ressignificar o (próprio) pensamento (RIBEIRO; SKLIAR, 2020).

Isso significa conversar “não rumo a um lugar melhor ou a um patamar de mais esclarecimento, senão como movimento, como exercício de espichar nossos modos de ver e compreender, de seguir sendo já diferente de nós mesmos” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p. 18). Será que o *meme* tem esse potencial de prover mudanças sociais significativas? Pode ter, mas vai depender de como é explorado e do importante papel mediador docente.

Que sejamos capazes de inventar mais e melhores práticas pedagógicas não simplesmente porque estivemos ensinando de nossas casas devido à pandemia da COVID-19, mas porque nosso tempo vem exigindo uma educação mais sintonizada com as dinâmicas interativas-colaborativas, próprias do digital em rede. Quem sabe nossas práticas não possam ser alimentadas pelos *memes*, um importante elemento cultural dos processos comunicacionais contemporâneos? E mais: da próxima vez que as/estudantes perguntarem, “*Professor/a, cadê o link da aula [síncrona]?*”, talvez esteja na hora de começarmos a pensar na confecção de *memes* que possam fornecer novas entradas de problematização acerca da perspectiva de que, em tempos pandêmicos, aula vai muito além de *link* e que *meme* também pode abrir alguns caminhos para novos aprendizados na rede.

REFERÊNCIAS

CARRIÓN, Jorge. **Lo viral**. Barcelona: Galaxia Gutemberg, 2020.

CHAGAS, Viktor; SILVA, Beatrice de Melo. Notas sobre o patrimônio memeval. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 10, n. especial, p. 38-55, set. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3hBRdD8>. Acesso em: 15 set. 2021.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/35ZS4X8>. Acesso: 15 maio 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 17-38, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2EsoMEd>. Acesso em: 22 maio 2019.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. /n: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 41-64.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia**: e breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEMOS, André. **A tecnologia é um vírus**: pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021.

MADDALENA, Tania Lucía; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/37WedIs>. Acesso em: 29 dez. 2020.

MAGGIO, Mariana. **Educación en Pandemia**: Guía de supervivencia para docentes y familias. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Paidós, 2021.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 49-63.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; BIANCO, Vittorio Lo. Os memes e o golpe. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 111-130, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2kW2Pqq>. Acesso em: 20 set. 2019.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Princípios da Educação Online: para sua aula não ficar massiva nem maçante! **SBC Horizontes**, maio. 2020. Disponível em: <https://is.gd/smr8fX>. Acesso em: 25 set. 2021.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SENA, Ivânia Paula (org.). **Educação em tempos de pandemia**: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador: Edição do autor, 2020.

RIBEIRO, Tiago; SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Va3p5A>. Acesso em: 24 jul. 2021.

RUANI, Ruann Moutinho; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan. A conversa online como procedimento metodológico na pesquisa com masculinidades dissidentes na cibercultura: notas teórico-metodológicas. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 205-218, mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2J9GiPs>. Acesso em: 24 mar. 2020.

SANTOS, Edméa. **Educação online**: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. Salvador, 2005. 351f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, FAGED-UFBA, Salvador, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2CLdUBY>. Acesso em: 13 out. 2018.

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Raquel; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? **Quaestio**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2MGandy>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SILVA, Marco. Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, p. 69-74, dez. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2IkUJlg>. Acesso em: 13 abr. 2019.

SILVA, Marco; CILENTO, Sheilane Avellar. Formação de Professores para Docência Online: considerações sobre um estudo de caso. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 42, p. 207-218, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://is.gd/TnWqZS>. Acesso em: 25 set. 2021.

SILVA, Bento; ALVES, Elaine Jesus. Aprendizagem na cibercultura: um novo olhar sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação digital no contexto educativo ubíquo. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 3, p. 17-28, jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2NXMbtM>. Acesso em: 20 set. 2018.

SKLIAR, Carlos. **Mientras respiramos (en la incertidumbre)**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro de publicaciones educativas y material didáctico, 2020.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo de. Nem tudo que reluz é ouro: discutindo memes e *fake news* em tempos de pandemia. **Comunicologia**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 81-101, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3lE462k>. Acesso em: 7 ago. 2021.

Recebido em: 13 de Outubro de 2021

Avaliado em: 15 de Fevereiro de 2022

Aceito em: 26 de Novembro de 2022

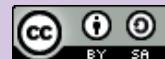
1 Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Professor Adjunto da Faculdade de Educação – UERJ, do ProPEd/UERJ e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ; Líder do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC); Bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência – UERJ. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5221-7135>

2 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Integrante do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). E-mail: marcellemeixeira@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1799-2769>

3 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Professora Adjunta da Faculdade de Educação – UERJ; Membro do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC); Bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência – UERJ. E-mail: tmaddalena@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3949-6491>



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA